

Sapato florido

Mario Quintana





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Mário Q uintana

Sapato Florido

Orelhas do livro

Orelha esquerda:

Publicado em 1948, Sapato Florido é o terceiro livro de Mario Quintana.

Nele, o poeta faz uso da “prosa poética”, que, como o nome indica, é um gênero limítrofe entre as duas formas de expressão. Em um só verso, em uma pequena historietta ou ainda em breves reflexões, Quintana comprova sua inclinação para o coloquial, para a palavra liberta de medidas, traços que identificarão para sempre sua produção.

No conjunto da obra de Quintana, é este um livro singular no qual se exprime um particular entendimento dos fatos, dos costumes e uma intuitiva compreensão dos homens e da vida.

Tania Franco Carvalhal

Orelha direita:

Esta nova edição das obras de Mario Quintana não se limita à mudança do projeto gráfico. Coordenada por Tania Franco Carvalhal, uma das maiores especialistas na obra do poeta gaúcho, responsável também pela fixação do texto, a presente reedição recupera a forma original dos primeiros livros, na seqüência em que foram publicados.

O leitor tem em mãos, portanto, o mesmo Quintana que cativa leitores há mais de sessenta anos, agora em versão definitiva.

Entre as ruas e a estrela Aldebaran

Arrindo Trevisan

Foi o próprio poeta quem se preocupou em desarmar o leitor que poderia ficar desorientado com a originalidade de sua nova produção poética em Sapato florido. Apelou para o humor de um clássico: Molière. Na epígrafe da obra lê-se:

Sr. Jourdain:

-Não, eu não quero nem prosa nem verso.

Mestre de filosofia:

-É preciso que seja uma ou outra coisa.

Sr. Jourdain:

-Por quê?

(O gentil-homem burguês. Ato II, Cena IV).

Como classificar, efetivamente, o eros poético de tal livro? Trata-se de uma coletânea, na qual textos de diversa índole se sucedem aparentemente sem nexos algum. Falta-lhes o elemento reiterativo, noutras palavras, o verso, que é a repetição de ritmo e repetição de sonoridades verbais. Escreveu Fernando Pessoa:

“A pausa de fim de verso é independente do sentido, e é tão nítida como se ali houvesse pontuação. (...) A poesia é assim a prosa feita música, ou a prosa cantada; o artifício da música é conjurado com a naturalidade da palavra. (...) Mais tarde, dispensa-se essa base musical, mas, para que a guia não falte, estabelece-se um sistema de referências pelo qual se sabe onde termina o

verso, e esse sistema é a rima.” (Fernando Pessoa. Obras em prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995, p. 274.)

Ora, leitores desinformados, ou não habituados à poesia dos anos 40, estranhariam a ausência de ambas as coisas no livro de Quintana. Aliás, ele mesmo se encarregou de brincar com o leitor, em certo poema do livro:

“Juquinha estava lendo, em voz alta, 'A Confederação dos Tamoios'.

Tarararararará, tarararararará,

Tarararararará, tarararararará

Lá pelas tantas, Gabriela deu o estrilo:

-Mas não tem rima!

Sensação. Ninguém parava de não acreditar. Juquinha, desamparado, lê às pressas os finais dos últimos versos... querulo... branco..., tuba... inane... vaga... infinitamente...

Meu Deus! Como poderia ser aquilo?!

-Arima deve estar no meio, -diz, sentencioso o major Pitaluga.

E todos suspiraram, agradecidos.” (p. 113)

Sim, o poeta sabia que seus novos poemas iriam causar sensação, porque os hábitos tradicionais estavam tão arraigados nas pessoas que estas não iriam descobrir facilmente neles a poesia. Tratava-se disso: de uma nova poesia, a da prosa sem verso e sem rima, diversa da prosa-prosa. Mas seria isso uma invenção pessoal de Quintana?

O autor de Sapato florido sabia que ninguém é pai de si mesmo. Os verdadeiros inovadores tinham sido dois poetas franceses, como esclareceu Aurélio Buarque de Holanda no prefácio de sua tradução de Pequenos poemas em prosa de Charles Baudelaire:

Mais de 10 anos levou (Baudelaire) na elaboração de tais poemas em prosa, gênero de que, na opinião mais generalizada, são ele e seu antecessor Aloysius Bertrand os criadores.” (Charles Baudelaire. Pequenos Poemas em Prosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 4.)

Estamos persuadidos de que Quintana foi buscar em Baudelaire a sua inspiração para Sapato florido. Há textos do poeta francês que se assemelham aos de Quintana, ou antes -naturalmente -textos de Quintana que são semelhantes, no espírito e até no estilo, aos do autor de Flores do Mal.

Por exemplo:

“Aquele que olha, da rua, através de uma janela aberta, jamais vê tantas coisas como quem olha para uma janela fechada. Nada existe de mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso mais deslumbrante, que uma janela iluminada por uma lamparina, O que se pode ver ao sol nunca é tão interessante como o que acontece por trás de uma vidraça.” (Idem, p. 111.)

Outro exemplo de Baudelaire:

“E, reentrando sozinho em casa, a essa hora em que os conselhos da Sabedoria já não são abafados pelos zumbidos da vida exterior, disse ele entre si: -“Tive hoje, em sonho, três domicílios, onde encontrei igual prazer, Por que constranger o corpo a mudar de lugar se a alma viaja tão célere? E de que serve executar projetos, se o projeto é em si mesmo um gozo suficiente?” (Idem, p. 71.) executar projetos, se o projeto é em si mesmo um gozo suficiente?” (Idem, p. 71.)

Sem querer forçar as coisas, parece-nos descobrir aí uma aproximação entre o texto de Baudelaire e o seguinte texto de Quintana: “Amar é mudar a alma de casa.”

Não pretendemos minimizar a originalidade de Quintana: são aproximações, afinidades eletivas, desenvolvimentos de um gênero que, mesmo inventado por alguém, não é de ninguém. Ou negaríamos a Sá de Miranda e a Camões a genialidade por que não foram eles os inventores do soneto?

Existem outras afinidades entre Quintana e Baudelaire: uma delas, as nuvens. Escreve Quintana:

“As únicas coisas eternas são as nuvens (p. 29)

Baudelaire:

Então! a que é que tu amas, excêntrico estrangeiro?

-Amo as nuvens..., as nuvens que passam... longe... lá muito longe..., as maravilhosas nuvens” (Idem, p. 9.)

Falar em confluências (em vez de coincidências), como o próprio Quintana o fez, não é diminuir a verdadeira criatividade do autor de Sapato florido. Ainda que na dedicatória a Arsène Houssaye, Baudelaire tinha deixado claro que lhe estava enviando “uma pequena obra da qual ninguém poderia lhe dizer, sem injustiça, que não tem pé nem cabeça: tudo nela ao contrário, é ao mesmo tempo cabeça e pé, alternativa e reciprocamente”, (Idem, p. 7.) é certo que alguns poemas de Quintana foram mais além dos de Baudelaire. É isso, precisamente, o que dá ao poeta gaúcho um lugar à parte na literatura brasileira, e até na literatura universal.

Antes de tudo, Quintana tematiza as coisas líricas da existência cotidiana. O seu mundo é pré-tecnológico, o mundo anterior à eletrônica e à informática, o universo das cidades em vias de metropolizarem-se. Menciona bares, guarda-chuvas perdidos, andorinhas, pequenos anúncios de jornal, trens (de outrora), fios telegráficos, ruazinhas, vira-Latas, o zumbido inquietante dos besouros, casas de cômodos sem ascensores. Mas o seu lirismo não é fora de propósito, nada disso. Pelo contrário, a finura de Quintana revela-se em esplêndidos micropoemas:

1. “O doloroso sulco labio-nasal junto à garrafa morta (p. 33)

2. “Desconfia dos que não fumam: esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar.” (p. 42)

3. “O que mais me comove, em música são essas notas soltas -pobres notas únicas -que do teclado arranca o afinador de pianos (p. 46)

Bastariam tais fagulhas líricas para conferir valor à coletânea. Mas não é só isso que existe nela: que diremos dos maravilhosos jogos de palavras do poeta, do seu “ludismo verbal”? Quintana consegue dar verdadeiras lições de magia poética aos incautos, e até aos mais preparados leitores. Vejamos dois ou três exemplos:

a) Com seus oo de espantos, seus RR guturais, seu hirro H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação.” (p. 40)

b) “As folhas enchem de ff as vogais do vento.” (p. 48)

Melhor ainda: “Trágico Acidente de Leitura”:

“Tão comodamente que eu estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia: deslizava. Quando, de súbito, a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDITO. Que momento passei!... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvidos os dois no mesmo pano preto, como um duplo monstro misterioso e corcunda... O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: Fogo!” (p. 73)

Outras características, absolutamente originais, devem ser Lembradas: os momentos em que Quintana se aproxima de uma espécie de SATORI zenbudista, de uma certa intuição metafísica, e os momentos em que ele pratica a lógica do sem-sentido, o humor em estado puro. Explicitemos a noção de SATORI, termo pertencente ao japonês, e que pode ser definido como “despertar, iluminação, clareza de visão. Esse estado de conscientização (ou consciencialização), conhecido no vocabulário Zen como SATORI, tem sido comparado ao nível especial de intuição atingido pelo Buda, quando assentado, em profunda meditação, sob a sagrada Árvore da Iluminação no VI século antes do nascimento de Cristo” (Ross., p. 140. Cit. in Merton, Thomas. O diário da Ásia. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Vega, 1979, p. 324.)

Portanto, com SATORI significamos um estado de espírito de momentânea lucidez, de brilho ofuscante que permite ver o fundo das coisas e atingir o âmago das coisas, trespassando-lhes “os véus diáfanos da fantasia”, e varando a mesmice do dia-a-dia que sufoca o real. Sob esse ponto-de-vista, Quintana tem sido subestimado. A excessiva folclorização de sua biografia não tem permitido a muitos leitores surpreender nele o filósofo, o desmascarador privilegiado de certos estados de ânimo, hipócritas ou travestidos de boas intenções. Como quando escreve: privilegiado de certos estados de ânimo, hipócritas ou travestidos de boas intenções. Como quando escreve:

1. O homem parou, cheio de dedos, para procurar os fósforos nos bolsos. A insidiosa frescura do mar lhe mandou um pensamento suicida. E veio um riso límpido irresistível - em i, em a, em o -, do fundo de um pátio da infância. Um riso... Senão quando o homem achou os fósforos e a vida recomeçou. Apressada, implacável, urgente. A vida é cheia de pacotes. (p. 32)

2. Não, o melhor é não falares, não explicares coisa alguma. Tudo agora está suspenso. Nada agüenta mais nada. E sabe Deus o que é que desencadeia as catástrofes, o que é que derruba um castelo de cartas! Não sabe... Uma vez passa uma avalanche e não morre uma mosca... Outras vezes senta uma mosca e desaba uma cidade." (p. 71)

3. "Vem de dentro o rumor de pratos e talheres. Alguém põe a mesa. Vovô enrola um último cigarro, ao sereno. Lili vem brincar mais perto da porta. De misteriosas andanças, aponta, à esquina, o cachorro da casa.

-Está na mesa!

Agora todos se reunirão em torno à sopa fumegante.

E em vão a noite apertará o cerco primitivo. E em vão o antigo Caos, nos confins do horizonte, ficará rondando como um iguanodonte esfomeado (p. 91)

4. "Sempre que o Poeta vai falar, Nosso Senhor desliga o telefone. Alô? Impossível comunicação direta.

"E bom catibum e bom bombom

"E toca o pandeiro mulata meu bem

"E bum catibum...

"Oh! não há nada como a irresistível marchinha do nosso bloco invicto soberano, para entulhar este horrível silêncio!" (p. 124)

Como não associar esse texto de Quintana ao de Pascal:

"O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora." (Pascal.

Pensamentos. Nº 206. Trad. de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957, p. 101.)

Há uma maneira de ser Pascal sendo francês, e há uma maneira de ser Pascal sendo Quintana. Uma não é melhor do que outra, já que ambas possuem esprit definesse e esprit de géometrie, cada uma de acordo com suas idiossincrasias culturais.

Apesar de tudo o que dissemos a respeito da originalidade de Quintana, não expusemos ainda o principal dela, que consiste na inserção do humor dentro da poesia, ou desta dentro daquele. não expusemos ainda o principal dela, que consiste na inserção do humor dentro da poesia, ou desta dentro daquele.

Notemos que o humor e a poesia são irmãos. Henri Bergson percebeu isso: todo poeta – escreveu ele – pode se transformar em um humorista desde que anestesie o coração. (Henri Bérignon. *Le Rire*. In: *Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1959, p. 389.)

Qual a razão disso? Uma só: o humor dirige-se à inteligência pura.

É o que faz Quintana. Este seria clínico, ou sádico, se não supusesse inteligência nos seus leitores. Alguns exemplos:

1. “É a ruazinha que tosse, tosse, engasgada com o homem da muleta.” (p. 49)

2. “Alarmar senhoras gordas é um dos maiores encantos desta e da outra vida.” (p. 76)

3. “Em todos os velórios há sempre uma senhora gorda que, em determinado momento, suspira e diz: -Coitado! Descansou...” (p. 77)

4. “Um dia ele sentiu que ia morrer. Mudou-se, então, para o último andar de uma velha casa de cômodos sem ascensores.” (p. 128)

Não são os melhores exemplos do livro. Mas onde Quintana atinge o máximo é no humor em estado líquido, o humor em alta voltagem que supõe no leitor um mínimo de cooperação poética. O poema “Aventura no parque” ilustra esse tipo de humor:

“No banco verde do parque, onde eu lia distraidamente o Almanaque Bertrand, aquela sentença pegou-me de surpresa: Colhe o momento que passa. Colhi-o, atarantado. Era um não sei quê, em um flapt, um inquietante animalzinho, todo asas e todo patas: ardia como uma brasa, trepidava como um motor, dava uma angustiosa sensação de véspera de desabamento. Não pude mais. Arremessei-o contra as pedras, onde foi logo esmigalhado pelo vertiginoso velocípede de um meninozinho vestido à marinheira. Quem monta num tigre (dizia, à página seguinte, um provérbio chinês), quem monta num tigre não pode apeiar.” (p. 66)

Mais esclarecedor, talvez, o poema “O Estranho Caso de Mister Wong”:

“Além do controlado dr. Jekyll e do desrecalcado Mister Hyde, há também um chinês dentro de nós: Mister Wong. Nem bom, nem mau: gratuito. Entremos, por exemplo, neste teatro. Tomemos este camarote. Pois bem, enquanto o dr. Jekyll, muito compenetrado, é todo ouvidos, e Mister Hyde arrisca um olho e a alma no decote da senhora vizinha, o nosso Mister Wong, descansadamente, põe-se a contar carecas na platéia... também um chinês dentro de nós: Mister Wong. Nem bom, nem mau: gratuito. Entremos, por exemplo, neste teatro. Tomemos este camarote. Pois bem, enquanto o dr. Jekyll, muito compenetrado, é todo ouvidos, e Mister Hyde arrisca um olho e a alma no decote da senhora vizinha, o nosso Mister Wong, descansadamente, põe-se a contar carecas na platéia...

Outros exemplos? Procure-os o senhor em si mesmo, agora mesmo. Não perca tempo. Cultive o seu Mister Wong.” (p. 34)

Alguém poderia questionar semelhante poesia, dizendo que ela é antifrásica, não-poesia, visto que dela se exclui a emoção. Poderíamos opor a isso a seguinte objeção: deverá existir, em qualquer poema, uma exigência emocional, ou poderá o divertimento intelectual suprir tal ausência? Não existirá uma emoção da inteligência, que consiste em fingir -mas não tão completamente como queria Fernando Pessoa – que a realidade, tal como existe com suas doidices e incoerências, é a realidade ideal? Tal ficção obrigaria o leitor a buscar, mesmo dentro da emoção, o que existe nela de irracional, de fútil, de ridículo, principalmente em se tratando de convenções sociais. A maioria delas transformadas em fósseis de emoções verdadeiras. Sugerimos aos leitores que se fixem em algumas obras-primas desse tipo de humor-poesia como “Velha História” e “O Anjo Malaquias”.

Analisemos, para concluir, o poema “Tableau”. Em certo sentido, ele é característico desse gênero poético:

“Nunca se deve deixar um defunto sozinho. Ou se o fizermos, é recomendável tossir discretamente antes de entrar de novo na sala. Uma noite em que eu estava a sós com uma dessas desconcertantes criaturas, acabei

aborrecendo-me (pudera!) e fui beber qualquer coisa no bar mais próximo. Pois nem queira saber... Quando voltei, quando entrei inopinadamente na sala, estava ele sentado no caixão, comendo sofregamente uma das quatro velas que o ladeavam! E só Deus sabe o constrangimento em que nos vimos os dois, os nossos míseros gestos de desculpas e os sorrisos amarelos que trocamos.

Desmontemos o poema para nos apercebermos de sua sutil engenharia:

a) O poeta toma como ponto de partida uma situação emocional extrema. Só se vai a um velório quando se é familiar ou amigo do defunto. É por isso que o defunto nunca é deixado a sós. Ora, o poeta insiste em que não se deve deixá-lo “sozinho”. Por quê? Porque o supõe vivo..., capaz de ações inesperadas, contrariando as expectativas.

b) A prova de que o poeta supõe o defunto vivo é a sua recomendação para “tossir discretamente antes de se entrar de novo na sala”. É um ato de polidez, que evita que o defunto seja surpreendido nalgum ato que cause constrangimento. para “tossir discretamente antes de se entrar de novo na sala”. É um ato de polidez, que evita que o defunto seja surpreendido nalgum ato que cause constrangimento.

c) Segue-se a experiência com uma dessas desconcertantes criaturas”, a qual, por sua imobilidade, se comporta exatamente como um ex-vivo.

d) Ao voltar de sua digressão, o poeta não faz o que ele mesmo havia recomendado: deixa de tossir antes de entrar na sala do velório.

e) Que acontece? O defunto senta-se no caixão e, como um ser vivo que está com fome, põe-se a comer... uma das quatro velas que o ladeavam. Tal fato absolutamente impossível é considerado, não só possível, mas normal, justamente porque o defunto, depois de permanecer bom tempo na sala, está com fome. Não havendo outra coisa à mão, come uma das velas -como se fosse um sanduíche...

f) O constrangimento de ambos: do defunto surpreendido numa ação totalmente imprevisível, e de seu acompanhante, que poderia esperar tudo dele, menos tal absurdo! Daí os sorrisos amarelos de ambos, aliás, amarelos não só porque a expressão designa um tipo de sorriso contrafeito, mas também porque

a luz das velas é amarela!

É lógico que não há emoção à vista no poema! A emoção é subentendida pela situação (a morte de um ente querido), e pelo ritual específico que a acompanha, o qual deveria ser (mas muitas vezes não é) um momento privilegiado de saudade e carinho. O poeta, com seu surrealismo, denuncia uma e outra coisa, simulando uma situação inimaginável: a do defunto que volta à vida, e sem o menor constrangimento, come uma das velas, zombando da falsa piedade dos vivos.

Pode-se ler o poema de Quintana sob outras ópticas. O poema suporta, também, uma leitura estritamente onírica, de fantasia pura. Em nossa opinião, a gratuidade da ficção está repleta de alusões realistas que tornam mais saborosa a sua dimensão surrealista.

SAPATO FLORIDO

MONSIEUR JOURDAIN:

-Non, je ne veux ni prose, ni vers.

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE:

-Il faut bien que ce soit l'un ou l'autre.

MONSIEUR JOURDAIN:

-Pourquoi?

"LE BOURGEOIS GENTILHOMME",

ATO II, CENA IV.

Das metamorfoses

A Lua, quando fica velha, todo o mundo sabe que vira lua nova.

Mas negro velho vira macaco. Desses macaquinhos de realejo... Cuidado: quanto mais velhos mais vivos. Sabem tudo. Descobrem tudo. Se tens algum pecado oculto, foge das suas caretas falsamente amigas, dos seus olhinhos espertos e cínicos!

E os velhos jurisconsultos viram fetos... esses fetos que a gente olha, meio desconfiado, nos bocais de vidro..., e que, no silêncio dos laboratórios, oscilando gravemente as cabeças fenomenais, elucubram anteprojetos, orações de paraninfo, reformas da Constituição... Sempre que puderes, crava um punhal, um garfo, um prego, no miolo mole dos fetos.

Em compensação, as velhinhas que fazem renda viram fio... Fio, sim senhor! Esses fios que vagam soltos no ar... que ninguém sabe de onde vêm..., e se prendem num galho morto... no chapéu do viajante solitário..., no freio do seu cavalo..., que se prendem, desesperadamente, num lábio fresco, numa trança ao vento...

E os velhos que mal podem acender os cigarros, os pobres velhinhos trêmulos viram reflexos... Esses reflexos que dançam no ar... que nascem no ar... De uma vidraça..., de um pára-hrisa... do galo do pára-raio que volteou de súbito... de folhas que se assustam, de mariposas tonteando. de uma ronda infantil sob a lua redonda...

O milagre

Dias maravilhosos em que os jornais vêm cheios de poesia... e do lábio do amigo brotam palavras de eterno encanto... Dias mágicos... em que os burgueses espiam, através das vidraças dos escritórios, a graça gratuita das nuvens...

Epígrafe

As únicas coisas eternas são as nuvens...

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas - que passarão também a fazer parte dos poemas...

Os vira-luas

Todos lhes dão, com uma disfarçada ternura, o nome, tão apropriado, de vira-latas. Mas e os vira-luas? Ah! ninguém se lembra desses outros vagabundos noturnos, que vivem farejando a lua, fuçando a lua, insaciavelmente, para aplacar uma outra fome, uma outra miséria, que não é a do corpo...

Momento

O homem parou, cheio de dedos, para procurar os fósforos nos bolsos. A insidiosa frescura do mar lhe mandou um pensamento suicida. E Veio um riso límpido, e irresistível -em i, em a, em o -do fundo de um pátio da infância. Um riso... Senão quando o homem achou os fósforos e a vida recomeçou. Apressada, implacável, urgente. A vida é cheia de pacotes...

O doloroso sulco lábio-nasal junto à garrafa morta...

O estranho caso de Mister Wong

Além do controlado dr. Jekyll e do desregrado Mister Hyde, há também um chinês dentro de nós: Mister Wong. Nem bom, nem mau: gratuito. Entremos, por exemplo, neste teatro. Tomemos este camarote. Pois bem, enquanto o dr. Jekyll, muito compenetrado, é todo ouvidos, e Mister Hyde arrisca um olho e a alma no decote da senhora vizinha, o nosso Mister Wong, descansadamente, põe-se a contar carecas na platéia...

Outros exemplos? Procure-os o senhor em si mesmo, agora mesmo. Não perca tempo. Cultive o seu Mister Wong!

Chão de outono

Ao longo das pedras irregulares do calçamento passam ventando umas pobres folhas amarelas em pânico, perseguidas de perto por um convite-deenterro, sinistro, tatalando, aos pulos, cada vez mais perto, as duas asas tarjadas de negro!

A vingança

Se eu fosse Deus, eu mandava os comendadores mortos (ah, como nos havíamos de rir, ó Walt Disney!), eu os mandava a todos, com as suas almas graves, encasacadas e de óculos, para o doido País das Sinfonias Coloridas.

Puríssima

As admiráveis instalações sanitárias que há na lua! Tudo branco, tudo polido, tudo limpinho. Jorros d'água. Frescor. Alívio. Os anjos que o digam! Pois só aos anjos é permitido servirem-se do nosso higiênico satélite para as suas abluções e necessidades...

Objetos perdidos

Os guarda-chuvas perdidos.. aonde vão parar Os guarda-chuvas perdidos? E os botões que se desprenderam? E as pastas de papéis, os estojos de pince-nez, as malas esquecidas nas gares, as dentaduras postiças, os pacotes de compras, os lenços com pequenas economias, aonde vão parar todos esses objetos heteróclitos e tristes? Não sabes? Vão parar nos anéis de Saturno, são eles que formam, eternamente girando, os estranhos anéis desse planeta misterioso e amigo.

Provérbio

O seguro morreu de guarda-chuva.

Horror

Com os seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação.

Triste época

Em nossa triste época de igualitarismo e vulgaridade, as únicas criaturas que mereceriam entrar numa história de fadas são os mestre-cucas, com os seus invejáveis gorros brancos, e os porteiros dos grandes hotéis, com os seus alamares, os seus ademanes, a sua indiscutida majestade.

Arte de fumar

Desconfia dos que não fumam: esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar...

Do inédito

E quando, morto de mesmice, te vier a nostalgia de climas e costumes exóticos, de jornais impressos em misteriosos caracteres, de curiosas beberagens, de roupas de estranho corte e colorido, lembra-te que para alguém nós somos os antípodas: um remoto, inacreditável novo do outro lado do mundo, quase do outro lado da vida, uma gente de se ficar olhando, olhando, pasmado... Nós, os antípodas, somos assim.

Telegrama a Lin Yutang

Acabo de ver um negrinho comendo um ovo cozido. Hein, Lin Yutang?

Crise

Por causa dos ilusionistas é que hoje em dia muita gente acredita que poesia é truque...

Meu trecho predileto

O que mais me comove, em música, são essas notas soltas -pobres notas únicas -que do teclado arranca o afinador de pianos...

Paisagem de após-chuva

Arelva, os cavalos, as reses, as folhas, tudo envernizadinho como no dia inolvidável da inauguração do paraíso...

Prosódia

As folhas enchem de f as vogais do vento.

Clopt! Clopt!

É a ruazinha que tosse, tosse, engasgada com o homem da muleta.

Só para si

Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada, egoísta.

A companheira

A lua parte com quem partiu e fica com quem ficou. E, pacientemente consoladoramente, aguarda os suicidas no fundo do poço.

Feliz!

Deitado no alto do carro de feno... com os braços e as pernas abertos em X... e as nuvens, os vãos passando por cima... Por que estradas de abril viajei assim um dia? De que tempos, de que terras guardei essa antiga lembrança, que talvez seja a mais feliz das minhas falsas recordações?

Janela de abril

Tudo tão nítido! O céu rentinho às pedras. Pode-se enxergar até os nomes que andaram traçando a carvão naquele muro. Mas, mesmo que o céu soubesse Ler, isso não teria agora a mínima importância. E sente-se que Nosso Senhor, em comemoração de abril, instituirá hoje valiosos prêmios para o riso mais despreocupado, para o sapato mais rinchador, para a pandorga mais alta sobre o morro.

Viração

Voa um par de andorinhas, Fazendo verão. E vem uma vontade de rasgar velhas cartas, velhos poemas, velhas contas recebidas. Vontade de mudar de camisa, por fora e por dentro... Vontade... pata que esse pudor de certas palavras? Vontade de amar, simplesmente.

Carreto

Amar é mudar a alma de casa.

O paraíso perdido

Nasci em Shangri-La.

Pois quem foi que não nasceu em Shangri-La

Sinais dos tempos

Esses que, pelas estradas claras dos primeiros séculos, mendigavam e faziam pueris e deliciosos milagres, e viraram agora transformistas de palco. Santos que perderam a fé, socorrem-se habilmente dos recursos inesgotáveis que a técnica hoje em dia nos proporciona, quando seria muito mais fácil um milagre... Adivina simplicidade de um milagre.

Parábola

A imagem daqueles salgueiros nágua é mais nítida e pura que os próprios salgueiros. E tem também uma tristeza toda sua, uma tristeza que não está nos primitivos salgueiros.

Os máscaras

O Homem Invisível via-se obrigado a botar máscara. Era uma face enganadora, alheia, sinistra, melancólica...

O Poeta, para entrar em contato com os outros homens, põe-se a fazer poemas.

O poema

Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco.
Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Para quê? Se por ali já havia passado
o frêmito e o mistério da vida...

Comunhão

Os verdadeiros poetas não lêem os outros poetas. Os verdadeiros poetas lêem os pequenos anúncios dos jornais.

A adolescente

Vai andando e vai crescendo. É toda esganifrada: a voz, os gestos, as pernas... Antílopes! vejo antílopes quando ela passa! Pois deixa, passando, um friso de antílopes, de bambus ao vento, de luas andantes, mutáveis, crescentes...

Passarinho empalhado

Quem te empoleirou lá no alto do chapéu da contravó, tico-tico surubico?
Tão triste..., tão feio... tão só... Meu tico-tiquinho coberto de pó... E tu que querias
fazer o teu ninho na máquina do Giovanni fotógrafo!

Gare

Faz tanto tempo que se está esperando o trem que não vem, o trem de Belém que as bagagens alheias, amontoadas no banco, cheiram-me a poeira de séculos: devem estar aqui, emboloranço, o caduceu de Mercúrio, a cabeleira de Absalão, uma peça íntima de Cleópatra, um báculo de bispo, uma tabaqueira de Luís XV, um olho de vidro, uma fivela, uma bolsa de água quente, um lenço com um nó, um... Sinto-me tão infeliz. Para que me fui meter nesse triste inventário, meu Deus? E, a cada suspiro que dou, o meu anjo da guarda perde mais uma peninha da asa.

Estufa

Que imaginação depravada têm as orquídeas! A sua contemplação escandaliza e fascina. Vivem procurando e criando inéditos coloridos, e estranhas formas, combinações incríveis, como quem procura uma volupia nova, um sexo novo...

Aventura no parque

No banco verde do parque, onde eu lia distraidamente o Almanaque Bertrand, aquela sentença pegou-me de surpresa: “Colhe o momento que passa”. Colhi-o, atarantado. Era um não sei que, um flapt, um inquietante animalzinho, todo asas e todo patas: ardia como uma brasa, trepidava como um motor, dava uma angustiosa sensação de véspera de desabamento. Não pude mais. Arremessei-o contra as pedras, onde foi logo esmigalhado pelo vertiginoso velocípede de um meninozinho vestido à marinheira. Quem monta num tigre (dizia, à página seguinte, um provérbio chinês), quem monta num tigre não pode appear.

O espião

Bem o conheço. Num espelho de bar, numa vitrina ao acaso do footing, em qualquer vidraça por aí, trocamos às vezes um súbito e inquietante olhar. Não, isto não pode continuar assim. Que tens tu de espionar-me? Que me censuras, fantasma? Que tens a ver com os meus bares, com os meus cigarros, com os meus delírios ambulatórios, com tudo o que não faço na vida! ?

Aparição

Tão de súbito, por sobre o perfil noturno da casaria, tão de súbito surgiu, como um choque, um impacto, um milagre, que o coração, aterrado, nem lhe sabia o nome: a lua! -a lua ensangüentada e irreconhecível de Babilônia e Cartago, dos campos malditos de após-batalha, a lua dos parricídios, das populações em retirada, dos estupros, a lua dos primeiros e dos últimos tempos.

Inferno

Em suave andadura de sonho, sob uma infinita série de arco-íris celestiais, anjos me conduziam num palanquim dourado, entre um curioso povo de profetas e virgens, que formavam alas para me ver passar. Mas eu me debruçava inquieto a uma e outra janela: faltava-lhe alguma coisa. Faltava... Faltavam os meus desafetos. Eu só queria era ver a cara deles, ver a cara que eles fariam quando me vissem passar, tirado por anjos num palanquim de ouro!

A bela e o dragão

As coisas que não têm nome assustam, escravizam-nos, devoram-nos... Se a bela faz de ti gato e sapato, chama-lhe, por exemplo, A BELA DESDENHOSA. E ei-la rotulada, classificada, exorcizada, simples marionete agora, com todos os gestos perfeitamente previsíveis, dentro do seu papel de boneca de pau. E no dia em que chamares a um dragão de JOLI, o dragão te seguirá por toda parte como um cachorrinho...

Epílogo

Não, o melhor é não falares, não explicares coisa alguma. Tudo agora está suspenso. Nada agüenta mais nada. E sabe Deus o que é que desencadeia as catástrofes, o que é que derruba um castelo de cartas! Não se sabe... Umas vezes passa uma avalanche e não morre uma mosca... Outras vezes senta uma mosca e desaba uma cidade.

Q uem bate?

Cecilia. Cecilia que chega de um pátio da infância... Traz ainda sereno nas tranças, seus sapatinhos andaram pulando na grama... Depois assenta-se nos degraus da torre, e canta...

Mas o chaveiro do sonho pegou-lhe as tranças, teceu cordoalhas para o seu navio. Mas o chaveiro do sonho pegou-lhe a canção... E fez um vento longo e triste.

E eu pensava que toda a minha tristeza vinha apenas do vento, da solidão do mar, da incerteza daquela viagem num navio perdido...

Trágico acidente de leitura

Tão comodamente que eu estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia: deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDITO. Que momento passei!... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvidos os dois no mesmo pano preto, como um duplo monstro misterioso e corcunda... O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: Fogo!

Envelhecer

Antes, todos os caminhos iam,

Agora todos os caminhos vem.

A casa é acolhedora, os livros poucos.

E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

Exegese

-Mas que quer dizer esse poema? -perguntou-me alarmada a boa senhora.

E que quer dizer uma nuvem? – retuquei triunfante.

-Uma nuvem? -diz ela. -Uma nuvem umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...

Perversidade

Alarmar senhoras gordas é um dos maiores encantos desta e da outra vida.

Fatalidade

Em todos os velórios há sempre uma senhora gorda que, em determinado momento, suspira e diz:

-Coitado! Descansou...

Q uien supiera escribir!

O menino de joelhos sujos que chega em casa correndo e mal pode falar...

A velha dama que é agora obrigada a fazer renda para vender.., de casa em casa, a coitada! ... e que senta na ponta da cadeira, suspira discretamente e murmura: "A minha vida é um romance....

Aquela moça que diz: Não quero ouvir isto!" e tapa os olhos...

Ah, quanta coisa deliciosamente quotidiana, quanto efêmero instante, eu não gravaria para sempre na memória dos homens, se...

Q ue haverá no céu?

Se não houver cadeiras de balanço no Céu..., que será da tia Élida, que foi para o Céu?

Cântico dos cânticos

Maria, com um vinco entre as sobrancelhas, escolhe o segundo prato. Depois sorri-me deliciosamente. Como não encantar-me? Como não comparar-me a Salomão? Sustentai-me (diz-lhe a Sulamita), sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, que desfaleço de amor.

Velha história

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no 17! -o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moça, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando o peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial...

Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:

“Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não é não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!”

Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando... até que o peixinho morreu afogado...

Da dúvida

Felizmente parece que o Além não resolve coisa alguma, e a confusão continua a mesma, senão maior... Posso, pois, morrer descansado e levar os meus problemas comigo, que não me faltará distração. Não me refiro à quadratura do círculo, que pouco se me dá, nem ao moto-contínuo. Penso é nas mil e uma perplexidades da minha condição de escriba, nesses cruciantes imponderáveis, no eterno problema da subjetividade da partícula se...

Do tempo

Nunca se deve consultar o relógio perto de um defunto. É uma falta de tato, meu caro senhor... uma crueldade... uma imperdoável indelicadeza...

Intercâmbio

Vovô tem um riso de cobre surdo, velho, azinhavrado -um riso que sai custoso, aos vinténs.

Mas Lili, sempre generosa, lhe dá o troco em pratinhas novas.

A princesa

Quando Lhe perguntaram o nome, Lili espantou-se muito:

-Ué! Mas todo o mundo sabe...

O cachorro

Do quarto próximo, chega a voz irritada da arrumadeira:

-Meu Deus! A gente mal estende a cama e já vem esse cachorro deitar em cima! Salta daí pra fora!

E Lili, muito formalizada: Finoca! O cachorro tem nome!

Da humilde verdade

O quotidiano é o incógnito do mistério.

Mudança de temperatura

Nos fios telegráficos pousaram uma, duas, três, quatro andorinhas.

Olham de um lado e outro... Irão partir?

Sobre as cercas rasas do arrabalde, os girassóis espiam como girafas...

Boca da noite

O grilo canta escondido... e ninguém sabe de onde vem seu canto... nem de onde vem essa tristeza imensa daquele último lampião da rua...

Está na mesa

Vem de dentro um rumor de pratos e talheres. Alguém põe a mesa. Vovô enrola um último cigarro, ao sereno. Lili vem brincar mais perto da porta. De misteriosas andanças, aponta, à esquina, o cachorro da casa.

“Está na mesa!”

Agora todos se reunirão em torno à sopa fumegante.

E em vão a noite apertará o cerco primitivo. E em vão o antigo Caos, nos confins do horizonte, ficará rondando como um iguanodonte esfomeado...

Cozinha

Cada brasa palpita como um coração...

Hai-lai da cozinheira

Acozinheira preta preta

Preta e gorda

Com seu fresco sorriso de lua...

Mentiras

Lili vive no mundo do Faz-de-conta... Faz de conta que isto é um avião. Zzzzuuu... Depois aterrisou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

Mentira?

A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer.

Noturno

O relógio costura, meticulosamente, quilômetros e quilômetros do silêncio noturno.

De vez em quando, os velhos armários estalam como ossos.

Na ilha do pátio, o cachorro, ladrando.

(É a lua.)

E, à lembrança da lua, Lili arregala os olhos no escuro.

Pés de fora

Anegrinha, essa, tem medo de fantasmas.

Cada vez que um rato corre mais depressa, ela tapa a cabeça.

Mas fica com os pés de fora.

É o medo ridículo, tocante, desamparado, o medo de pés de fora.

Se eu fosse fantasma, eu... Não, não lhe faria nada: o melhor do susto é esperar por ele.

Sono

Tudo fica mais leve no escuro da casa. As escadas param de repente no ar... Mas os anjos sonâmbulos continuam subindo os degraus truncados, atravessando os espelhos como se entrassem numa outra sala. O sonho devora os sapatos, os pés da cama, o tempo. Vovô resmunga qualquer coisa no fim do século passado.

Interlúdio

A noite se estende ao rés-do-chão como um lençol, que os cachorros puxam, do horizonte. Puxam, esticam, sem rasgar.

Porque a lua vai saltar.

E ficará pulando, ao centro, para cima, para baixo, para cima, para baixo, como Sancho Pança no capítulo XLV do Dom Quixote.

Ante manhã

Trotam, trotam, desbarrancando o meu sono, os burrinhos inumeráveis da madrugada.

Carregam laranjas? Carregam repolhos? Carregam abóboras?

Não. Carregam cores. Verdes tenros. Amarelos Vivos. Vermelhos, roxos, acres.

São os burrinhos-pintores.

Ouverture

Nosso Senhor, sobre os telhados, Nosso Senhor, com alamares de ouro, tange subitamente os sinofones. Lili espreguiça-se na cama. Estremece no teto um reflexo d'água. Lili tapa os ouvidos.

Mas o seu coraçãozinho vibra como uma cigarra.

O despertar do egotista

Os pequeninos vendedores de jornais gritam por meu nome.

O despertar dos amantes

Quem teria deixado, enquanto nos amávamos, o tarro da luz à nossa porta?

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite. Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

O vento

O único da casa que enxerga o vento é o cachorro.

Detém-se à porta da cozinha, rosnando para o pátio ventado, cheio de latas inquietas e papéis decididamente malucos.

E nos seus olhos fixos e rancorosos vê-se o desvario do vento, a incurabilidade do vento, os seus cabelos em corrupção, os seus braços que parecem mil, os seus trapos flutuantes de espantalho, toda aquela agitação sem causa e que é ainda menos instável, no entretanto, que a terrível desordem da sua cabeça: pois o vento nunca pode assentar as idéias...

Passeio

Oh! não há nada como um pé depois do outro...

Calçada de verão

Quando o tempo está seco, os sapatos ficam tão contentes que se põem a cantar.

Construção

O dia exato alinha os seus cubos de vidro...

Da cor

Há uma cor que não vem nos dicionários. É essa indefinível cor que têm todos os retratos, os figurinos da última estação, a voz das velhas damas, os primeiros sapatos, certas tabuletas, certas ruazinhas laterais: a cor do tempo...

Topografia

Meu bonde passa por ali. Pela sua esquina, apenas. É uma ruazinha tão discreta que logo faz uma curva e o olhar não pode devassá-la. Não lhe sei o nome, nem nunca andei por ela. Mas faz anos que me vem alimentando de mistério. Se eu fosse lá, encontraria alguns poetas: o Marcelo, o Wamosy, o Juca... todos mortos de há muito, todos no mesmo bar. Ah! ruazinha... ruazinha que leva à Babilônia, eu sei... ao porto inventado de Stargiris... a regiões entressonhadas a medo.

Viagem

O fim do cigarro tem uma tristeza de fim de linha...

Pequenos tormentos da vida

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos, as nuvens desenrolam-se, lentas, como quem vai inventando preguiçosamente uma história sem fim... Sem fim é a aula: e nada acontece, nada... Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa Margarida, se ao menos um avião entrasse por uma janela e saísse pela outra!

O susto

Isto foi há muito tempo, na infância provinciana do autor, quando havia serões em família.

Juquinha estava lendo, em voz alta, A Confederação dos Tamoios.

Tararararará, tara rararara ra,

Tararararará, tararararara,

Lá pelas tantas, Gabriela deu o estrilo:

-Mas não tem rima!

Sensação. Ninguém parava de não acreditar.

Juquinha, desamparado, lê às pressas os finais dos últimos versos...
quérulo... branco... tuba... inane... vaga... infinitamente...

Meu Deus! Como poderia ser aquilo?!

Arima deve estar no meio diz, sentencioso, o major Pitaluga.

E todos suspiraram, agradecidos.

Cruel amor

Um dia, da ponta daquela mesa comum de hóspedes, dona Glorinha me interpelou:

-Seu Mario, o senhor ainda não leu o CRUEL AMOR?

Não, eu nunca tinha lido o CRUEL AMOR!... Pois tudo o que falta à minha vida, toda a imperfeição em que ainda me debato, vem de eu nunca ter lido o CRUEL AMOR... de ter achado ridículo o título., de ter achado ridícula a transcendental pergunta de dona Glorinha...

Os fantasmas do passado

-E não te lembras daquela vez em que...?

Faço que me lembro. Rio. Solto saudosos suspiros e exclamações de puro gozo. Oh! que monstruosa e implacável memória a dos nossos companheiros de infância.

E depois, como estão envelhecidos, os pobres-diabos!

E o que os torna ainda mais antipáticos.

As falsas recordações

Se a gente pudesse escolher a infância que teria vivido, com que enternecimento eu não recordaria agora aquele velho tio de perna de pau, que nunca existiu na família, e aquele arroio que nunca passou aos fundos do quintal, e onde íamos pescar e sestar nas tardes de verão, sob o zumbido inquietante dos besouros...

Ventura

Naquela missa de Sexta-Feira da Paixão, notei que o velho Ventura rezava assim; -Tchug tchug tchug tchug amém... Tchug tchug tchug tchug amem. Tchug tchug tchug...

-Assim não vale, seu Ventura.

-Ora! Ele sabe tudo o que eu quero dizer...

Reminiscências

A enchente de 1941. Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava. Tínhamos assim um rio só para nós. Um rio de portas adentro. Que dias aqueles! E de noite não era preciso sonhar: pois não andava um barco de verdade assombrando os corredores?

Foi também a época em que era absolutamente desnecessário fazer poemas...

Comentário ouvido num bonde

Que moça culta, a Maria Eduarda: usa ponto-e-vírgula!

Dos velhos hábitos

Metia-nos um medo! Era um retrato avoengo, um velho juiz dos velhos tempos, sobrecenho feroz, barba de passa-piolho. De nada ria... Creio que já nascera juiz. Mas piscava o olho quando a criadinha punha-se a esfregar vigorosamente o assoalho, a criadinha de saias arregaçadas e joelhos roliços e juntinhos... e que aliás nunca bispou coisíssima nenhuma.

Margraff

De uma feita, descobri nas costas da folhinha o

“O açúcar de beterraba foi descoberto em 1747 por Margraff.”

Desde então, nunca mais pude esquecê-lo.

E quando procuro, ansioso, entre os nevoeiros da memória uma data esquecida, um nome, uma citação, ei-lo que aparece, implacável, esse Margraff, à prova de balas e de conjuros. Por quê? Estarei ficando...?

Ou será o pobre Margraff que tenta desesperadamente sobreviver, transformando-se em idéia fixa?

História

Era um desrecaLcado, pensavam todos. Pois já assassinara uma bem-amada, um crítico e um amigo.

Mas nunca mais encontrou amada, nem crítico, nem amigo. Ninguém mais que lhe mentisse, ninguém mais que o incompreendesse, nem nunca mais um inimigo íntimo...

E vai daí ele se enforcou.

RBTD

Ha ocasiões em que não consegues nada, nem um sorriso, outras em que consegues tudo, até cartas de recomendação. Não te queixes, nem te gabes. Era que os anjos estavam brincando de rapa-bota-tira-deixa...

E a tua história quotidiana é tecida ao acaso dos lances.

Até que sobrevenha o R do rapa-tudo.

(Aí então os anjos te recolherão.)

O recurso

Sempre que o Poeta vai falar, Nosso Senhor desliga o telefone. Alô?
Impossível comunicação direta.

E bum calibum e bum bumbum

E toca o pandeiro na lata meu bem

E bum calibum...

Oh! não há nada como a irresistível marchinha do nosso bloco invicto e soberano, para entulhar este horrível silêncio!

Apocalipse

E eis que veio uma peste e acabou com todos os homens.

Mas em compensação ficaram as bibliotecas.

E nelas estava escrito o nome de todas as coisas.

Mas as coisas podiam chamar-se agora como bem quisessem.

E então o Pão de Açúcar se declarou Mancenilha.

E o hipopótamo só atendia por tico-tico.

E houve por tudo um grande espreguiçamento de alívio.

E Nosso Senhor ficou para sempre livre da terrível campanha dos
comunistas.

E das apologéticas de Tristão de Athayde.

Ananias

Ananias olhou a folhinha: 11. 11 de setembro. Tomou uma cafiaspirina. Deitou-se. Sobre a cadeira fulgem agora o metal dos óculos, o monograma do relógio, o vidro do copo. Fulgem, nos travesseiros, os seus cabelos grisalhos. O resto é sombra. Dorme, Ananias,

que o bicho tatu

já vem te pegar..

Noite adentro, a alma de Mestre Rembrandt vai enchendo de sombra e prata o lívido interior de cinema mudo. De sombra e prata, e irreparável tristeza... Mas o mais triste de tudo é que eu não conheço nenhum Ananias neste mundo. E um dia Deus me pedirá contas de mais essa vida inútil, sem finalidade...

O desinfeliz

Sua vida era um tango argentino.

O misantropo

Um dia ele sentiu que ia morrer. Mudou-se, então, para o ultimo andar de uma velha casa de cômodos sem ascensores...

Triste mastigação

As reflexões dos velhos são amargas como azeitonas.

Solo

Os mortos são ridículos como bonecos de engonço a que cortassem os fios... Os seus amores estão esperando, os seus negócios, os seus amigos estão esperando, e eles ali caídos, esquecidos de tudo! Como lhes pôde vir de repente esse desapego infinito por tudo o que mais queriam? Ou eles estavam fingindo antes, os sons os, ou estão fingindo agora! Não posso absolutamente compreender que o dr. Gouvarinho haja esquecido as nossas partidas de solo, que haja desistido de tirar revanche, desistido dos seus calos, que marcavam chuva, e do seu guarda-chuva, que nunca abria direito! Não posso, não posso compreender... Observo-lhe os sapatos novos... Conto as tábuas do teto... (É a primeira vez que os nossos silêncios em comum me deixam constrangido.) Puxo o relógio. Escondo-o vivamente. Cruzo os dedos... descruzo os dedos... Retiro-me.

Paro, um instante, no portal...

Mas ele nem me fez um psiu!

Noturno da viação férrea

Ora, os fantasmas são viajantes noturnos. Se aboletam nos carros vazios e ficam (por que será que os fantasmas não fumam?) a olhar o mundo que desliza...

Mas sucede que as máquinas estavam manobrando apenas. E voltam todas para a gare deserta.

E depois vem a luz crescente, a luz cruel, situando e ambientando as coisas.

É quando surgem, cabalísticos, os primeiros letreiros:

-HOTEL SAVÓIA -Ao PENTE DE OURO -SAÚDE DA MULHER -os fantasmas, puídos de claridade, soltam um pífio suspiro e se desvanecem...

Tableau!

Nunca se deve deixar um defunto sozinho. Ou, se o fizermos, é recomendável tossir discretamente antes de entrar de novo na sala. Uma noite em que eu estava a sós com uma dessas desconcertantes criaturas, acabei aborrecendo-me (pudera!) e fui beber qualquer coisa no bar mais próximo. Pois nem queira saber... Quando voltei, quando entrei inopinadamente na sala, estava ele sentado no caixão, comendo sofregamente uma das quatro velas que o ladeavam! E só Deus sabe o constrangimento em que nos vimos os dois, os nossos míseros gestos de desculpa e os sorrisos amarelos que trocamos...

Do sobrenatural

Vozes ciciando nas frinchas..., vozes de afogados soluçando nas ondas... vozes noturnas, chamando... pancadas no quarto ao lado, por detrás dos móveis, debaixo da cama... gritos de assassinados ecoando ainda nos corredores malditos... Qual nada! O que mais amedronta é o pranto dos recém-nascidos: aí é que está a verdadeira voz do outro mundo.

Desespero

Não há nada mais triste do que o grito de um trem no silêncio noturno. É a queixa de um estranho animal perdido, único sobrevivente de alguma espécie extinta, e que corre, corre, desesperado, noite em fora, como para escapar à sua orfandade e solidão de monstro.

O sapo verde

Aquele amarelo que apareceu um dia em nossa terra, ou por outra, aquele japonês, pois não sei se um chim daria o mesmo desfecho ao caso, dedicava-se a trabalhos de papel. Com incrível celeridade, dobrava, redobrava, multidobrava, premia aqui, puxava dali, e pronto: saía um pato, uma cesta, um avião, um urso, um homem sentado, uma mulher dançando, um navio, todas as coisas que há no mundo. Algumas dessas habilidades, ele as fazia às vezes em câmara lenta, para que a gente pudesse aprender. Mas era impossível guardar de memória o segredo do sapo verde, o maravilhoso sapo verde que comportava nada menos de sessenta e quatro dobras e que dava um salto quando lhe tocavam no lombo. Comprei um e fui para casa desmanchá-lo. Ficou-me nas mãos um quadrado de papel, inextricavelmente entrecruzado de vincos. Como não consegui fazer a operação contrária, isto é, rearmar o sapo, dali a dias encomendei outro.

-Hoje não poder -disse ele.

-Por quê?

-Por acabar papel verde.

-E por que não faz um sapo branco?... ou um sapo azul... ou um sapo vermelho... ou...

Mas o seu quase imperceptível sorriso de comiseração cortou-me a linda seqüência colorida.

O cágado

Morava no fundo do poço. E nunca saiu do poço. Costumava tomar sol numa saliência da parede, quando a água chegava até ali. Nas raras vezes em que isto sucedia, ficávamos a olhá-lo impressionados, como se estivéssemos diante do Homem da Máscara de Ferro. Que vida! Era o único bicho da casa que não sabia os nossos nomes, nem das mudanças de cozinha, nem o dia dos anos de Lili. Não sabia nem queria saber.

Filó

O negrinho Filó era um artista no pente. Naquele velho pente envolto em papel de seda, tirava tudo, de ouvido, desde a Canção do Soldado até La donna è a mobile. A gente ficava escutando, com orgulho e inveja. Pois nenhum de nós conseguia tocar pente. Dava-nos cócegas e, como dizia a Gabriela, “a gente se agachava a sirri que não parava mais”. Quando ele morreu, foi logo declarando a sua qualidade, para S. Pedro: “Musgo!”. E S. Pedro lhe deu uma gaitinha de boca. Uma linda gaitinha de boca! E até hoje ele vive explicando que não há nada como o pente... Mas o Céu é tão perfeito que na sua Filarmônica não existem instrumentos de emergência: um pente, lá, é um pente mesmo.

O lampião

A janelinha de acetilene do Lampião da esquina tinha uma luz que não era a do dia nem a da noite... a mesma luz que banhava as pessoas, animais e coisas que a gente via em sonhos... aquela mesma luz que deveria enluarar, mais tarde, as janelas altas do Outro mundo...

Estampa

Linda moça, com sua cara de louça, na moldura da janela. Passa, a cavalo, o oficial -reto, correto, linear -, como um valete de cartas. Enquanto, lento, anoitece, flores suspiram olores, no jardimzinho sincero. E lá no fim da rua a estrela Vésper, como se fora pirotécnica, irradia-se em trinta e sete cores.

Crianças gazeando a escola

Atiraram tinteiros no tigre. E enquanto seus gritos arranhavam as claras vidraças azuis, era lindo ver como ele ia virando pantera: uma linda pantera toda preto e ouro!

Encostaram escadas no elefante. Dançaram em cima do elefante. O mais piquininho fez um gostoso xixi no lombo do elefante.

Mas como era mesmo impossível esgotar a paciência do bicho, apearam todos, aos trambolhões, e foram ver o que fazia, à beira do banhado, o crocodilo verde.

O crocodilo abriu uma boca deste tamanho, depois fechou-a de súbito plaque! -como quem fecha um atlas, terminada a maçante aula de geografia. E o mais piquininho ficou sem cabeça.

Conto cruel

De repente, o leite talhou nos vasilhames. Foi um raio? Foi Leviatã? Foi o quê?

O burgomestre, debaixo das cobertas, resfolegava orações meio esquecidas.

E os negros monstros das cornijas, com as faces zebradas de relâmpagos, silenciosamente gargalhavam por suas três ou quatro bocas superpostas.

II

E amanheceu um enorme ovo, em pé, no meio da praça, três palmos mais alto que os formosos alabardeiros que lhe puseram em torno para evitar a aproximação do público. Foi chamado então o velho mágico, que escreveu na casca as três palavras infalíveis. E o ovo abriu-se ao meio e dele saiu um imponente senhor, tão magnificamente vestido e resplandecente de alamares e crachás que todos pensaram que fosse o Rei de Ouros. E ei-lo que disse, encarando o seu povo: Eu sou o novo burgomestre... Dito e leito.

Nunca houve tanta dança e tanta bebedeira na cidade. Quanto ao velho burgomestre, nem foi preciso depô-lo, pois desapareceu tão misteriosamente como havia aparecido o novo, ou o ovo. E os menestréis compuseram divertidas canções, que o populacho berrava nas estalagens, entre gargalhadas e arrepios de medo.

III

Mas por onde andaria o burgomestre?

O seu cachimbo de porcelana, em cujo forno se via um Cupido de

pernas trançadas, tocando frauta, foi encontrado à beira-rio. E apesar de todos os esforços, só conseguiram pescar um baú, que não tinha nada a ver com a coisa, e uma sereiazinha insignificante e nada bonita, uma sereiazinha de água doce, que nem sabia cantar e foi logo devolvida ao seu elemento.

Mas quando casava a filha do mestre-escola, encontrou-se dentro do bolo de noiva a dentadura postiça do burgomestre, o que deu aso a que desmaiassem, no ato, duas gerações inteiras de senhoras, e ao posterior suicídio do pasteleiro. do pasteleiro.

E a caixa de rapé do burgomestre, que era inconfundível e única, multiplicou-se estranhamente e começou a ser achada em todas as salas de espera desertas, pelos varredores verdes de terror, depois que era encerrado o expediente nas repartições públicas e começava a ouvir-se, na rua, o passo trôpego do acendedor de lâmpadas.

Entre as enormes ruínas

Entre as enormes ruínas sem pássaros, procurávamos bichinhos-de-conta, por baixo das pedras e vasos cobertos de musgo. E era uma bênção o frescor da lua sobre os terraços desertos. Mas a água que havia era verde e silenciosa como a dos poços de cemitério. Em compensação, não se ia mais à escola. E o último de nós que morreu pode ver que chegavam grandes manadas de búfalos brancos, com argolões de prata no focinho e atrás deles os pastores que...

Mas quem sabe se ele já não tinha morrido e aquilo se estava passando numa outra vida, ou numa outra história?

O anjo Malaquias

O Ogre rilhava os dentes aguda e lambia os beijos grossos, com esse exagerado ar de ferocidade que os monstros gostam de aparentar por esporte.

Diante dele, sobre a mesa posta, o Inocentinho balava, imbele. Chamava-se Malaquias – tão piquinininho e rechonchudo, pelado, a barriguinha pra baixo, na tocante posição de certos retratos da primeira infância...

O Ogre atou o guardanapo ao pescoço. Já ia o miserável devorar o Inocentinho. quando Nossa Senhora interferiu com um milagre. Malaquias criou asas e saiu voando, voando, pelo ar atônito..., saiu voando janela em fora...

Dada, porém, a urgência da operação, as asinhas brotaram-lhe apressadamente na bunda, em vez de ser um pouco mais acima, atrás dos ombros. Pois quem nasceu para mártir, nem mesmo a Mãe de Deus lhe vale!

Que o digam as nuvens, esses lerdos e desmesurados cágados das alturas, quando, pela noite morta, o Inocentinho passa por entre elas, voando em esquadro, o pobre, de cabeça pra baixo.

E o homem que, no dia do ordenado, está jogando os sapatos dos filhos, o vestido da mulher e a conta do vendeiro, esse ouve, no entrechocar das fichas, o desatado pranto do Anjo Malaquias!

E a mundana que pinta o seu rosto de ídolo... E o empregadinho em falta que sente as palavras de emergência fugirem-lhe como cabelos de afogado... E o orador que pára em meio de uma frase... E o tenor que dá, de súbito, uma nota em falso... Todos escutam, no seu imenso desamparo, o choro agudo do Anjo Malaquias!

E quantas vezes um de nós, ao levar o copo ao lábio, interrompe o gesto e empalidece... -O Anjo! O Anjo Malaquias! -... E então, pra disfarçar, a gente faz literatura..., e diz aos amigos que foi apenas uma folha morta que se desprende... ou que um pneu estourou, longe..., na estrela Aldebaran...

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

OBRAS PUBLICADAS

A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940.

Ganções. Porto Alegre: Globo, 1946.

Sapato florido. Porto Alegre: Globo, 1948.

O batalhão das letras (infantil). Porto Alegre: Globo, 1948.

O aprendiz de feiticeiro. Porto Alegre: Fronteira, 1950.

Espelho mágico. Porto Alegre: Globo, 1951.

Inéditos e esparsos. Alegrete: Cadernos do Extremo Sul, 1953.

Poesias. Porto Alegre: Globo, 1962.

Antologia poética. [seleção de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos]. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966

Caderno H. Porto Alegre: Globo, 1973.

Pé de pilão (infantil). Porto Alegre: Garatuja, 1975.

Apontamentos de história sobrenatural. Porto Alegre: Globo & IEL, 1976.

Quintanares. Porto Alegre: MPM, 1976.

A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977.

Prosa e verso (antologia). Porto Alegre: Globo, 1978.

Na volta da esquina (antologia). Porto Alegre: Globo, 1979.

Esconderijos do tempo. Porto Alegre: L&PM, 1980.

Nova antologia poética. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Mario Quintana. Coleção melhores poemas. [seleção e introdução de Fausto Cunha]. São Paulo: Global, 1983.

Nariz de vidro. Seleção Mery Weiss. São Paulo: Moderna, 1984.

O sapo amarelo. seleção Mery Weiss. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

Primavera cruza o rio. (paradidático). org. Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, 1985.

Diário poético. Porto Alegre: Globo, 1985.

Nova antologia poética. Porto Alegre: Globo, 1985.

Baú de espantos. Porto Alegre: Globo, 1986.

80 anos de poesia. (antologia). org. e estudo introdutório de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: Globo, 1986.

Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Preparativos de viagem. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Porta giratória. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

A cor do invisível. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Antologia poética de Mario Quintana. seleção e apresentação de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

Velório sem defunto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Sapato furado. (infantil). São Paulo: FTD, 1994.

Anotações poéticas. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1996.

Antologia poética. [Seleção de Sérgio Faraco]. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Água. Os últimos textos de Mario Quintana. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

OBRAS PUBLICADAS NO EXTERIOR

Objetos perdidos y outros poemas: antologia bilingüe. Estúdio introductorio, notas y selección de Santiago Kovadloff.

Tradução de Estela dos Santos. Buenos Aires: Calicanto, 1979.

Mario Quintana. Poemas. Tradução de César Calvo, Prólogo de Peter Elmore. Lima, Peru: Centro de Estudios Brasileños, 1984.

OBRA TRADUZIDA

Ghew me up slowly. Tradução de Maria da Glória Bordini e Diane Grosklau. Porto Alegre: Globo/Riocell, 1978.

PUBLICAÇÕES EM ANTOLOGIAS (BRASIL)

AYALA, Walnir & BANDEIRA, Manuel. Antologia de poetas brasileiros. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

BANDEIRA, Manuel. Obras primas da lírica portuguesa. São Paulo: Martins Ed., 1943.

CRISTALDO, Janer. Assim escrevem os gaúchos: autores editados. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. Paulo: Alfa-Omega, 1976.

Dicionário antológico das literaturas portuguesa e brasileira. São Paulo: Formar, 1971.

FACHINELLI, Nelson da Lenita. Trovadores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 1972.

HOHFELDT, Antonio. Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Porto Alegre: L&PM, 1979.

KRANZ, Patrícia & HENRIQUES NETO, Afonso. Te quero verde: poesia e consciência ecológica. Rio de Janeiro, 1982.

KOPKE, Carlos Burlamaqui. Antologia da poesia brasileira moderna: 1922-1947. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo, 1953.

LISBOA, Henriqueta. Antologia poética para a infância e a juventude. Rio de Janeiro: INL, 1961.

LOANDA, Fernando de. Antologia da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Orpheu, 1967.

MACHADO, Antônio Carlos. coletânea de poetas sul-riograndenses. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

NOGUEIRA, Julio. Poesia nossa. Rio de Janeiro: Grãf Laemmert, 1954.

MEIRELES, Cecília et alii. Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.

Porto Alegre ontem e hoje. Porto Alegre: Movimento, 1971.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

PUBLICAÇÕES EM ANTOLOGIAS (EXTERIOR)

ANTOLOGIA DE LA POESIA BRASILEÑA: Cuadernillos de poesia. Buenos Aires: Nuestra América, 1959. Buenos Aires: Nuestra América, 1959.

CRESPO, Angel. Antología de la poesia brasileña: desde el Romanticismo a la Generación del cuarenta y Cinco. Barcelona: Seix Barral, 1973.

LANTEUIL, llenri de (org.). La poésie brésilienne 1930-1940. Rio de Janeiro: Alba, 1941.

LA VALLE, Mercedes. Un secolo de poesia brasiliana. Siena: Casa Ed. Maia, 1954.

FIGUEIRA, Gastón (org.). Poesia brasileña contemporanea. Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1947.

KOVADLOFF, Santiago. Las voces solidarias. Buenos Aires: Calicanto, 1978.

MENDONÇA, Renato (org.) Antologia de la poesia brasilena. Madri: Ediciones Cultural Hispánica, 1952.

TAVARES-BASTOS, A. D. (org.). La poésie brésilienne. Paris: Pierre Tisné, 1954.

VERISSIMO, Erico (org.). Brazilian literature. Nova York: Macmillan, s.d.

KOVADLOFF, Santiago. Las voces solidarias. Buenos Aires: Editorial Calicanto, 1978.

TRADUÇÕES

PAPINI, Giovanni. Palavras e sangue. Porto Alegre: Globo, 1934.

MASYAT, Fred. O navio fantasma. Porto Alegre: Globo, 1937.

VARALDO, Alessandro. Gata persa. Porto Alegre: Globo, 1938.

LUDWIG, Emil. Memórias de um caçador de homens. Porto Alegre: Globo, 1939. Globo, 1939.

CONRAD, Joseph. LondJim. Porto Alegre: Globo, 1939.

STACPOOLE, H. de Vere. A laguna azul. Porto Alegre: Globo, 1940.

GRAVE, E. Eu, Claudius Imperador. Porto Alegre: Globo, 1940.

MORGAN, Charles. Sparkenhroke. Porto Alegre: Globo, 1941.

YUTANG, Lin. A importância de viver. Porto Alegre: Globo, 1941.

BRAUN, Vicki. Hotel Shangai. Porto Alegre: Globo, 1942.

FULOP-MILLER, René. Os grandes sonhos da humanidade. Porto Alegre: Globo, 1942 (em parceria com R. Ledoux).

MAUPASSANT, Guy de. Contos. Porto Alegre: Globo, 1943.

LAMB, Charles & LAMB, Mary Ann. Contos de Shakespeare. Porto Alegre: Globo, 1943.

MORGAN, Charles. A jônte. Porto Alegre: Globo, 1944.

MAUROIS, André. Os silêncios do coronel Branble. Porto Alegre: Globo, 1944.

LEIMANN, Rosamond. Poeira. Porto Alegre: Globo, 1945.

JAMES, Francis. O albergue das dores. Porto Alegre: Globo, 1945.

LAFAYETTE, Condessa de. A princesa de clêves. Porto Alegre: Globo, 1945.

BEAUMARCHAIS. O barbeiro de Sevilha ou a precaução inútil. Porto Alegre: Globo, 1946.

WOOLF, Virginia. Mrs. Dallouay. Porto Alegre: Globo, 1946.

PROUST, Marcel No caminho de Suann. Porto Alegre: Globo, 1948.

BROWN, Frederick O tio prodigioso. Porto Alegre: Globo, 1951.

HUXLEY, Aldous. Duas ou três graças. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. confissões. Porto Alegre: Globo, 1951.

PROUST, Marcel. À sombra das raparigas em flor. Porto Alegre: Globo, 1951.

VOLTAIRE, Contos e novelas. Porto Alegre. Globo, 1951.

BALZAC, Honoré de. OS sofrimentos do inventor. l'orto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. Biombo chinês. Porto Alegre: Globo, 1952.

THOMAS, Henry & ARNOLD, Dana. Vida de homens notáveis. Porto Alegre: Globo, 1952.

GREENE, Graham. O poder com glória. Porto Alegre: Globo, 1953.

PROUST, Marcel. O caminho de Guermentes. Porto Alegre: Globo, 1953.

___ Sodoma e Gomorra. Porto Alegre: Globo, 1954.

BALZAC, Honoré de. Uma paixão no deserto. Porto Alegre: Globo, 1954.

MARIMEE, Prosper. Novelas completas. Porto Alegre: Globo, 1954.

MAUGHAM, Somerset. Cavaleiro de salão. Porto Alegre: Globo, 1954.

BUCK, Pearl. Debaixo do céu. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. Os proscritos. Porto Alegre: Globo, 1955.

___ Seráfita. Porto Alegre: Globo, 1955.

BROWN, Frederick O tio prodigioso. Porto Alegre: Globo, 1951.

HUXLEY, Aldous. Duas ou três graças. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. confissões. Porto Alegre: Globo, 1951.

PROUST, Marcel. À sombra das raparigas em flor. Porto Alegre: Globo, 1951.

VOLTAIRE, Contos e novelas. Porto Alegre. Globo, 1951.

BALZAC, Honoré de. OS sofrimentos do inventor. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. Biombo chinês. Porto Alegre: Globo, 1952.

THOMAS, Henry & ARNOLD, Dana. Vida de homens notáveis. Porto Alegre: Globo, 1952.

GREENE, Graham. O poder com glória. Porto Alegre: Globo, 1953.

PROUST, Marcel. O caminho de Guermantes. Porto Alegre: Globo, 1953.

____ Sodom e Gomorra. Porto Alegre: Globo, 1954.

BALZAC, Honoré de. Uma paixão no deserto. Porto Alegre: Globo, 1954.

MARIMÉE, Prosper. Novelas completas. Porto Alegre: Globo, 1954.

MAUGHAM, Somerset. Cavaleiro de salão. Porto Alegre: Globo, 1954.

BUCK, Pearl. Debaixo do céu. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. Os proscritos. Porto Alegre: Globo, 1955.

____ Seráfita. Porto Alegre: Globo, 1955.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA SOBRE O AUTOR

ANDRADE, Carlos Drummond de. Quintanas bar. In: Claro enigma. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951.

BRITO, Mario da Silva. O fantasma sem castelo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BITENCOURT, Gilda N. da Silva. caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1983.

CAMPOS, Paulo Mendes. Carta a Mario Quintana. In: O anjo bêbado. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

CANTER, Rita. Carta a Mario Quintana. In: Depoimentos literários. Porto Alegre: Edições Flama, 1971.

CARVALHAL, Tania Franco. Quintana, entre o sonhado e o vivido. In: Mario Quintana. Autores Gaúchos, nº 6. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1984. [7a ed., 1997].

_____. O poeta fiel a si mesmo. In: Quintana. 80 anos de poesia. Antologia. Porto Alegre: Globo, 1986.

CUNHA, Fausto. Assassinemos o poeta. In: A lita literária. Rio de Janeiro: Lido, 1964.

_____. Antologia crítica. In: Poetas do modernismo. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. Poesia e poética de Mario Quintana. In: A leitura aberta. Rio de Janeiro: Cátedra e Instituto Nacional do Livro, 1978.

FACHINELLI, Nelson. Mario Quintana: vida e obra. Porto Alegre: Bels, 1976.

FIGUEIREDO, Maria Virgínia Poli de. O universo de Quintana. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Universidade de Caxias do Sul, 1976.

FIRMO, Lúcia. A melancolia em textos de Mario Quintana. In: CORREIA Francisco José Gomes; VIANA, Chico (orgs.). O rosto no escuro de narciso. ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Idéia. 2004.

HECKER FILHO, Paulo. Menino perplexo, Rei de Ouros. In: A alguma verdade. Porto Alegre: Hiperion, 1952.

HOHFELDT, Antonio. Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Porto Alegre: L&PM, 1979.

HUPPES, Ivete Susana Kist. A poética de Mario Quintana. Porto Alegre: PUC-RS, 1979 (Dissertação de Mestrado).

LINHARES, Temístocles. Diálogos sobre a poesia brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

LUFT, Celso Pedro. Dicionário de literatura portuguesa brasileira. Porto Alegre: Globo, 1967.

MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da

UFRGS e Instituto Estadual do Livro 1978.

MEYER, Augusto. O fenômeno Quintana. In: A forma secreta. Rio de Janeiro: Lido, 1965.

MILLIET, Sergio. Panorama da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1952.

Dicionário crítico. São Paulo: Martins, s.d., v. 3 e 6.

MOISÉS, Massaud. A criação literária. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

PAES, José Paulo. Verbete no Pequeno dicionário de Literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1967.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia moderna. In: COUTINHO, Afrânio et alii. A literatura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos 1966.

_____. Poesia moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

RUAS, Tabajara. Quintana luta. In: Mario. Porto Alegre: CEEE, 1994.

STEEN, Edla van. Mario Quintana. In: Viver é escrever. Porto Alegre: L&PM, 1981, v. 1.

TÁVORA, Araken. Encontro marcado com Mario Quintana. Porto Alegre: L&PM, 1986.

TREVISAN, Armindo. Vôo sereno num azul do céu mais alto, in: Mario. Porto Alegre: CEEE, 1994.

TELES, Gilberto Mendonça. A enunciação poética de Mario Quintana. In: A retórica do silêncio. São Paulo: Cultrix e Instituto Nacional do Livro, 1979.

VILLAS-BOAS, Pedro. Bibliografia sul-rio-grandense: autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

ZILBERMAN, Regina. O modernismo e a poesia de Mario Quintana, in: A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

CRONOLOGIA*

1906 Nasce Mario Quintana, no dia 30 de julho, na cidade de Alegrete (RS), filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. O avô materno, Eduardo Jorge de Miranda, e o avô paterno, Cândido Marioel de Oliveira Quintana, eram médicos.

1914 Frequenta a Escola Elementar mista de d. Mimi Coutinho.

1915 Frequenta a escola do professor português Antônio Cabral Beirão, concluindo o curso primário.

1919 É matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato.

1924 Emprega-se na Livraria do Globo, trabalhando com Mansueto Bernardi durante três meses.

1925 Retorna a Alegrete, onde trabalha como prático na farmácia de seu pai.

1926 Falece sua mãe. É premiado em um concurso de contos do jornal Diário de Notícias com o trabalho “A sétima personagem”.

1927 Falece seu pai. Um poema seu é publicado por Álvaro Moreyra na revista Para Todos, do Rio de Janeiro.

1929 Ingressa na redação do jornal O Estado do Rio Grande, dirigido por Raul Pilla, em Porto Alegre.

1930 Colabora com a Revista do Globo, de Porto Alegre. Em outubro, alista-se como voluntário no Sétimo Batalhão de Caçadores e vai para o Rio de Janeiro, onde permanece seis meses.

1934 Sua primeira tradução, do livro Palavras e sangue, de Giovanni Papini, é publicada pela Editora Globo, de Porto Alegre. Traduz ainda, entre outros autores, Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad. Papini, é publicada pela Editora Globo, de Porto Alegre. Traduz ainda, entre outros autores, Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad.

1940 Publica A rua dos cataventos, livro de sonetos, pela Editora Globo, de Porto

Alegre.

1943 Inicia a publicação Do caderno H na Revista Provincia de São Pedro.

1944 Publica Canções, poemas, pela Editora Globo de Porto Alegre.

1948 Publica Sapato florido, poesia e prosa, pela Editora Globo, de Porto Alegre. A mesma editora publica O batalhão das letras.

1950 Publica O aprendiz de feiticeiro, poemas, pela Editora Fronteira, de Porto Alegre.

1951 Publica Espelho mágico, coleção de quartetos, pela Editora Globo, de Porto Alegre, com apresentação de Monteiro Lobato.

1953 Publica Inéditos e esparsos pela Editora Cadernos do Extremo Sul, de Alegrete.

Começa a trabalhar no jornal Correio do Povo, onde publica Do caderno H.

1962 Publica Poesias, volume que reúne seus cinco livros anteriores editados pela Editora Globo e Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul.

1965 Lançamento de um disco com poemas interpretados pelo autor.

1966 Publica Antologia poética, organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos pela Editora do Autor, do Rio de Janeiro. Em dezembro recebe o Prêmio Fernando Chinaglia para o melhor livro do ano, por esta Antologia.

No dia 30 de julho completa 60 anos.

No dia 25 de agosto é saudado na Sessão da Academia Brasileira de Letras por Augusto Mever e Manuel Bandeira.

1967 Recebe o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido pela Câmara de Vereadores, pela Câmara de Vereadores.

Começa a publicar a seção Do caderno H no suplemento literário Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo. A colaboração se estenderá até 1980.

1968 É homenageado pela Prefeitura de Alegrete com uma placa em bronze onde estão inscritas suas palavras: “Um engano em bronze é um engano eterno”.

Falece seu irmão mais velho, Milton.

1973 Publica o livro Caderno H, com textos em prosa selecionados pelo autor para a Editora Globo.

1975 Publica Pé de pilão, poesia infanto-juvenil, co-edição do Instituto Estadual do Livro/DAC/SEC com a Editora Garatuja e introdução de Erico Verissimo.

1976 Recebe a medalha “Negrinho do Pastoreio” do Governo do Estado do Rio Grande do Sul quando completa 70 anos.

Publica Apontamentos de história sobrenatural, poesia, pelo Instituto Estadual do Livro/DAE/SEC e Editora Globo.

Publica Quintanares, edição-brinde de poesias, distribuída pela MPM Propaganda.

1977 Publica A vaca e o hipogrifo pela Editora Garatuja, de Porto Alegre.

Recebe o prêmio Pen Clube de Poesia Brasileira por seu livro Apontamentos de história sobrenatural.

1978 Publica Prosa & verso, antologia paradidática, pela Editora Globo.

Publica Chew me up slowly, tradução do Caderno H por Maria da Glória Bordini e Diane Groszklaus, pela Editora Globo e Riocell.

Falece sua irmã Marietta Quintana Leães.

1979 Publica Na volta da esquina, antologia, na coleção RBS-Editora Globo.

Em Buenos Aires, publica Objetos perdidos y otros poemas, tradução de Estela dos Santos, organizado por Santiago Kovadloff.

1980 Publica Esconderijos do tempo, pela L&PM Editores.

Recebe o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária, no dia 17 de julho. pelo conjunto de sua obra literária, no dia 17 de julho.

Com Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Henriqueta Lisboa, integra o sexto volume da coleção didática Para gostar de ler, da Editora Ática, de São Paulo.

1981 Publica Nova antologia poética, pela Codrecri, do Rio de Janeiro.

Retoma a publicação dos textos Do caderno H, no suplemento literário “Letras & Livros”, do Correio do Povo até 1984, quando o jornal encerra temporariamente suas atividades.

1982 Em 29 de outubro, recebe o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1983 Publica Lili inventa o mundo, seleção de textos por Mery Weiss, pela Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre.

Na coleção Os melhores poemas, da Global Editora, de São Paulo, é publicada uma antologia com organização de Fausto Cunha.

Na III Festa Nacional do Disco, em Canela (RS), e lançado o álbum duplo Antologia poética de Mario Quintana, pela Gravadora Polygram.

O prédio do Hotel Majestic, tombado como patrimônio histórico do Estado em 1982, torna-se Casa de Cultura Mario Quintana por meio de lei promulgada em 8 de julho de 1983. Nesse hotel o poeta viveu de 1968 a 1980.

1984 Publica Nariz de vidro, seleção de textos de Mery Weiss, pela Editora Moderna, de São Paulo.

O batalhão das letras sai em 2ª edição, pela Editora Globo.

Lança O sapo amarelo, pela Editora Mercado Aberto, na XXXª Feira do Livro de Porto Alegre.

Publicação de Mario Quintana. Poemas, tradução de César Calvo, em Lima, Peru, pelo Centro de Estudios Brasileños.

1985 Publicação do álbum Quintana dos 8 aos 80, Relatório da Diretoria SAMRIG 1985, com texto analítico e pesquisa de Tania Franco Carvalho, fotografia de Liane Neves, ilustrações de Liana Timm e projeto gráfico de Manilena Gonçalves. Lança a antologia paradigmática Primavera cruza o rio, organização de Maria da Glória Bordini, Porto Alegre, Globo. Lança igualmente pela mesma editora Diário Poético e Nova Antologia Poética.

1986 Patrono da XXXI Feira do Livro de Porto Alegre, em 25 de outubro, é saudado por Tania Franco Carvalho. saudado por Tania Franco Carvalho.

Lançamento da antologia 80 anos de poesia, organizada por Tania Franco Carvalho para a Editora Globo (agora adquirida pelas Organizações Globo), nos 80 anos do poeta.

Publica Baú de espantos, pela Editora Globo, reunião de 99 poemas inéditos (1982-86).

Recebe os títulos de Doutor Honoris Causa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

1987 Publica Da preguiça como método de trabalho, pela Editora Globo, coletânea de crônicas da seção Do caderno H, do jornal Correio do Povo.

Publica Preparativos de viagem, pela Editora Globo.

1988 Publica Porta giratória, pela Editora Globo, reunião de escritos em prosa.

1989 Publica A cor do invisível, pela Editora Globo, e Antologia Poética de Mario Quintana, seleção de Walmir Ayala, Rio de Janeiro, Ediouro.

Recebe os títulos de Doutor Honoris Causa da Universidade de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

É eleito o Príncipe dos Poetas Brasileiros, entre escritores de todo o país, em promoção (la Academia Nilopolitana de Letras, Centro de Memórias e Dados de Nilópolis e o jornal A Voz dos Municípios Fluminenses.

É o quinto poeta a receber esse título. Seus antecessores: Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Olegário Mariano e Guilherme de Almeida.

Treze de seus poemas são musicados pelo maestro Gil de Rocca Sales.

1990 Publica Velório sem defunto, poemas inéditos, pela Mercado Aberto, Porto Alegre.

1992 Lançamento, em edição comemorativa, de A rua dos cataventos, pela Editora da UFRGS.

1993 Poemas inéditos publicados na Revista Poesia Sempre, da Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro.

Integra a antologia bilíngüe Marco Sul Sur-Poesia, publicada pela Editora Tchê!.

Seu texto Lili inventa o mundo recebe montagem para teatro infantil de Dilmar Messias. Dilmar Messias.

1994 Publicação de Sapato furado, pela Editora FTD -antologia infanto juvenil de poemas e prosa poética, com pósfacio de Sergio Faraco.

Publicação de textos no número 211 da revista literária Liberté, editada em Montreal, Quebec, Canadá.

Publicação pelo Instituto Estadual do Livro (RS) de Cantando o imaginário do poeta, espetáculo musical constituído de poemas musicados pelo maestro Adroaldo Cauduro e apresentado no teatro Bruno Kiefer pelo Coral da Casa de Cultura Mario Quintana.

Falece no dia 5 de maio.

Elaborada a partir de KANTER, Suzana. Cronologia da vida e da obra de Mario Quintana. In: Mario Quintana. Autores Gaúchos, n. 6. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997, e de Pedro Villas-Boas, in: Mario Quintana, vida e obra, de Nelson Fachinefli, Porto Alegre: Bels, 1976.

Formato Produzido Por:



Grupo de Revisores